

— Tanto faz, o que importa mesmo é o clima, tanto faz o filme que a gente assistir — disse Nono, relaxado. — Que tal um drama triste? — alguém sugeriu. — Você é cruel, hein? — respondeu Nono, rindo.[...]Nono foi com toda a coragem para um cinema privativo. Na imensa sala de projeção, apenas ele e Luming fei estavam sentados, lado a lado. A luz azul do projetor vinha por trás, cortando o espaço como uma lâmina afiada. Cada um segurava um copo enorme de Coca-Cola, que o funcionário garantira ser perfeito para dramas tristes — ótimo para provocar lágrimas.Luming fei não era burro a ponto de escolher um filme triste. Ele optou por Touro Indomável, recomendado por Chen Wenwen no clube de literatura. O filme contava a história de um boxeador genial que superava seus demônios internos para encontrar liberdade espiritual. As cenas mostravam um espírito indomável entre as cordas do ringue, sob flashes de luzes e gritos da plateia, com uma trilha sonora emocionante, câmera lenta e socos intensos. — Você parece cheio de pensamentos, meu jovem — disse Nono, de repente.Luming fei virou para olhá-la, mas Nono mantinha os olhos fixos na tela, sorvendo suavemente sua Coca.Ela sempre fora esperta. Com certeza, intuía a resposta.Luming fei ficou em silêncio por um momento, evitando o assunto. Em vez disso, observou Nono à luz difusa da tela. O cinema tinha um ótimo jogo de luzes: a iluminação suave, o filme em preto e branco, tudo destacava o batom quente nos lábios dela e o brilho sutil da maquiagem nos olhos, puro como flores desabrochando.O ar-condicionado estava quente, e o rosto de Nono ganhara um leve rubor. Luming fei não podia negar que aquilo era tentador. Se ele se declarasse agora, ela o rejeitaria? Ou aceitaria? Seria mais uma ilusão da sua parte?Enquanto Robert De Niro, como LaMotta, entrava em combate com o campeão na tela, Luming fei recostou-se na poltrona. Memórias passadas brotavam, como luzes cintilantes de um sonho, vívidas como raios de sol primaveril.Ela se aproximou lentamente da borda da banheira, envolveu o pescoço de Luming fei com os braços, e ele não teve escolha senão abraçá-la — fosse ela uma garota nua ou uma criatura perigosa.Eles se abraçaram sobre a borda da banheira, imóveis como esculturas rígidas na escuridão.Fora da janela, sob a cortina de chuva, a Tokyo Skytree iluminou-se de repente. A torre gigantesca, no coração da cidade, brilhava em tons de rosa, trazendo de volta um calor suave.Era como se os deuses, lá do alto, olhassem com pena para aquelas duas crianças assustadas e acendessem uma luz para iluminar seus olhos. — Somos todos monstros pequenos — ela sussurrou, quase inaudível, no ouvido de Luming fei, como se revelasse o maior segredo do mundo. — Um dia, o Ultraman justo nos matará.Luming fei ficou ali, olhando para o teto, sentindo algo vazar de suas memórias. Ele esfregou a testa, tentando expulsar alguns pensamentos. — Olha! LaMotta venceu o campeão! — Nono puxou a manga de Luming fei, apontando para a tela. — Ah, aquele lá? Nem parece tão forte — respondeu Luming fei, voltando à realidade. Ele já tinha assistido ao filme algumas vezes, mas continuou a conversa para agradá-la. — Mas antes ele estava dando uma surra no LaMotta! — Isso foi porque LaMotta se deixou levar pela fama e perdeu de propósito — explicou Luming fei, com certo orgulho. — Ah, é mesmo? — Nono sorriu suavemente....Muitos anos atrás, em um hotel no Japão, as luzes da Tokyo Skytree iluminavam a noite como auroras brilhantes.Luming fei fizera uma promessa: se alguém tentasse machucar aquela garota, ele a protegeria.Mas promessas podem ser perigosas — como profecias, elas se realizam quando menos se espera. Agora, ele só queria que a garota vivesse bem, mesmo que nunca mais a encontrasse.Luming fei deu um gole forte na Coca. O copo gigante era ótimo, mas a sensação subiu rápido, e seus olhos se encheram de algo que doía.[...] — Que burrice a minha! — Luming fei jogou-se na cama, abraçou o travesseiro e revirou-se no cobertor algumas vezes. — E aí, garoto, levou um fora da Nono? — Finn Ger, no beliche de cima, espiou para baixo. — Normal. Ninguém nunca sabe o que ela pensa, mas todo mundo quer saber. Ela é imprevisível. — Não foi isso — Luming fei cobriu o rosto com o travesseiro, a voz embargada. — Deixa pra lá, Finn.Ele pegou o celular, deslizou a tela e parou na conversa com Nono. — Nono, desculpa, eu não estava bem hoje — digitou, pensativo. — Sem problemas. Até que foi legal — ela respondeu rápido. — Mas na próxima você me compensa, certo? — Pode deixar — Luming fei martelou o teclado. — Vou dormir. Boa noite. — Eu tô tirando a maquiagem. Durma bem.[...]Do outro lado do mundo.Três Gargantas, Rio Yangtzé.No meio da noite, o navio Monyah He sacudia sob uma tempestade violata. Era uma chuva rara para o outono. O nível do rio subira quatro metros em duas noites, e agora, sob o temporal,

nenhum outro barco era visível — só as luzes do Monyah He cintilavam na cortina de chuva. O capitão Manns Longde shitaite estava à janela da cabine. O vento uivava como um demônio, a chuva batia nos vidros como marteladas, e o navio balançava tanto que parecia o mundo inteiro tremer. Mas o capitão permanecia firme, tragando a fumaça densa de seu charuto. Aquele charuto caro trazia uma sensação de embriaguez, exatamente o que Manns precisava. A fumaça o acalmava. Era um momento crucial, e um capitão devia passar confiança à tripulação, imperturbável com seu charuto. Um choro agudo de bebê ecoou da cabine traseira. Manns franziu as sobancelhas finas e afiadas, típicas de um alemão. — É na hora de mamar que tem que mamar! E na hora de brincar, tem que brincar! Já falei mil vezes, isso é nosso trabalho, é importante! Ninguém aqui sabe cuidar de criança? — Ele se virou para a tripulação atenta e berrou: — Alguém vai ver o que tá acontecendo com o bebê? — Professor, a maioria da equipe executiva é solteira. De onde você espera que a gente saiba cuidar de um bebê? — Uma garota sentada diante da tela respondeu sem levantar os olhos. A luz do monitor iluminava seu rosto bonito. Ela devia ter uns vinte e poucos anos, cabelos castanhos, traços latinos marcantes, vestindo um uniforme marítimo de gola larga azul-escuro — parecia uma tripulante em treinamento. — Me chame de capitão. Aqui não sou professor da Escola Cassell, sou o capitão do Manoh. Droga, lembrei que minha aula de 'Design de Mecânica Mágica Nível 1' já devia ter começado essa semana, e aqui estou eu, boiando no Yangtzé. Mann suspirou. — Tá bom, tá bom. Sendo o único homem casado aqui, parece que cuidar do querido bebê cai no meu colo mesmo. Selma, fique de olho nos sinais vitais dos dois. Qualquer anormalidade, puxa a corda imediatamente! — Entendido! — A latina Selma respondeu com firmeza. — Capitão, recebemos sinal do serviço de resgate de Three Gorges. A tempestade vai piorar de madrugada, ventos de até 10 na escala, chuva de 200mm — um temporal raro, pode vir com trovoadas. Eles estão mandando helicópteros e recomendam abandonar o navio — anunciou o terceiro imediato, tirando o fone. — Diga que nosso rebocador tem calado profundo, o casco está estável e podemos aguentar. Temos doentes a bordo, não dá pra abandonar — Mann olhou para o céu escuro do lado de fora da cabine e murmurou: — Mas essa tempestade me lembra o mar congelado da Groenlândia dez anos atrás... Toda vez que me aproximo desses mistérios, sinto que o desastre tá chegando... Ele entrou no compartimento traseiro. Na proa, todos mantinham silêncio, concentrados em suas telas. Cada movimento era rápido e preciso. Nos fones, o chiado de interferência ecoava com o som de dois corações batendo em sincronia. Na tela de Selma, os pontos verdes que subiam e desciam no monitor cardíaco mostravam que aqueles dois corações jovens continuavam batendo normalmente — cinquenta metros abaixo da superfície.[...] Ye Sheng acendeu a lanterna de alta potência. Mesmo com lâmpada de xenônio, o feixe mal conseguia penetrar as águas profundas, formando apenas uma faixa cinza-azulada que se desfazia na escuridão cheia de microorganismos. A figura esguia de Yaji Kadowaki flutuava perto dele. Bastava estender a mão para alcançá-la. A garota japonesa criada nos EUA era sua colega na Escola Cassell. Treinaram juntos por cinco longos anos antes de entrarem no departamento executivo. Conseguiram ler os pensamentos um do outro com um simples olhar — mas nunca se apaixonaram, como manda a tradição proibida. Ye Sheng pisou suavemente no fundo do rio — provavelmente uma área montanhosa antes do alagamento, toda em superfície rochosa sem vegetação. As pedras, polidas pela correnteza, eram escorregadias. Ele estendeu as garras de aço das nadadeiras e firmou-se numa rocha, remexendo a camada de sedimentos flutuantes. Quando encontrou algo, mostrou para Yaji: um fragmento de cerâmica com padrões antigos. Ela nadou até ele e inspecionou o objeto: — Tem pelo menos mil anos. Artefato da cultura Shu, antes de ser absorvida pela civilização central. — Devia ser um túmulo antigo enterrado na montanha — Ye Sheng olhou em volta — quando as Três Gargantas foram inundadas, tudo virou de cabeça pra baixo, os artefatos se espalharam. — A propósito — ele mudou de assunto, tentando aliviar a tensão — ouvi dizer que aquele calouro nível "S", Lu Mingfei, eliminou César e Chu Zihang no primeiro dia de aula, durante o "Dia da Liberdade". O mundo subaquático é tão solitário que até faz a gente duvidar da própria existência... — Não demonstrou esse potencial quando fizemos a entrevista — comentou Yaji. — É, nós subestimamos ele. — Mesmo com o novo equipamento de oxigênio, não temos muito tempo. Este é mesmo o local marcado no mapa? — Ela olhou em volta, retomando o foco na missão.

Na escuridão total, os olhos humanos pouco adiantavam.— Nômia, precisamos do mapa estrutural do leito — Ye Sheng ativou o sonar no capacete.— Entendido. Levarei cerca de 20 segundos para escanear — respondeu o processador central nos EUA através do canal satelital. Em instantes, um mapa tridimensional em linhas verdes surgiu nas telas de ambos.— O sonar não vai ajudar. Para ganhar tempo, melhor você fazer seu truque — Yaji sorriu.— Toda vez fico acabado como se fosse desmaiar — ele reclamou. — Preciso de um ponto fixo.— Eu sempre fui seu ponto fixo — ela nadou até suas costas, estendeu as garras das nadadeiras para se prender à rocha e o abraçou por trás. — Pronto? Era o método deles. Quando Ye Sheng usava seu poder de "Fala Divina", ficava frágil como um bebê, podendo até desmaiar — extremamente perigoso no fundo do rio, onde a correnteza podia arrastá-lo ou enroscar os cabos. Por isso, sempre que ele ia usar a "Serpente", Yaji o segurava assim. Ye Sheng fechou os punhos devagar e cerrou os olhos. As serpentes traiçoeiras e perigosas se moviam em sua mente, escamas reluzindo em tons frios de azul.— Manóah, preparem-se. Ativem o bloqueio eletromagnético dos equipamentos — ele avisou.— Manóah recebido. Seus sinais vitais estão normais, ondas cerebrais em aceleração. Pode ativar a "Serpente". Bloqueio eletromagnético ativado — Selma respondeu no fone. Ye Sheng fechou os olhos, estendeu a mão para o escuro e abriu a boca lentamente. O som que saiu vinha com ecos profundos, entre canto e reza. Ninguém vivo ainda entendia aquela língua — exceto talvez um certo imperador mundial muito ocupado jogando StarCraft. Era o idioma dos mortos. A língua dos dragões. As serpentes da mente foram libertadas, deslizando pelos membros de Yésheng como rios de energia antes de se dissiparem nas águas escuras.

Capítulo 22 - A Cidade de Bronze (Parte 2)

No convés do Mônaco, sensores captaram uma explosão de corrente bioelétrica nas profundezas, espalhando-se em padrões caóticos.— Ele está tremendo... — sussurrou Áji, sentindo o corpo de Yésheng fraquejar em seus braços. Seu coração desacelerara para meros 30 batimentos, a pele esfriando sob o traje de mergulho. A luz do capacete revelava seu rosto pálido, apenas os olhos dourados brilhando com intensidade sobrenatural. Ela o apertou com mais força, como quem protege uma criança. De repente, Yésheng arqueou-se. O ouro em suas pupilas se apagou enquanto seu corpo retomava a temperatura normal. As "serpentes" mentais recuavam para o abismo de sua consciência... todas exceto uma. Esta continuou a descer, perfurando a escuridão até encontrar — Luz.— Encontramos algo? — Áji perguntou, voz embargada.— Diretamente abaixo. Cem metros. Metal... muito metal. As serpentes se movem rápido demais ali — só estruturas condutoras gerariam esse efeito. A bordo do Mônaco, Máns esmagou o punho no painel ao ver os sismógrafos enlouquecerem.— Tragam-nos para cima! AGORA! — berrou ao primeiro oficial. Um estalo ecoou na tempestade. A linha de resgate de nanotubos — indestrutível em teoria — partira-se como um fio de pesca. No monitor, os dois pontos luminosos que representavam seus mergulhadores despencavam rumo ao abismo, arrastados por milhões de toneladas de água em colapso. Yésheng pensou na queda de Lúcifer. Nove dias e noites de queda livre até o inferno. Talvez agora compreendesse. Na sala de comando, Máns enterrou os dedos nos próprios cabelos. Dois de seus melhores alunos, perdidos em segundos. O rádio só emitia estática... Até que uma voz ecoou, distorcida por interferência:— Se você visse uma parede... infinita em todas as direções, sem fim... o que seria? — era Yésheng, falando através das serpentes. — A morte, segundo um escritor chinês. Estamos vivos. Chegamos ao palácio de Nóton. Repito, estamos no domínio do Dragão. Máns agarrou o microfone, as juntas brancas de tensão:— Confirmam localização?— Professor, se visse estas paredes de bronze... você acreditaria. Áji murmurou, apenas para Yésheng ouvir:— Foi sorte?— Se não foi... considere um convite do próprio dragão — ele riu, antes de transmitir: — Mônaco, solicito corte por hidro-jato. Máns hesitou:— A 150m de profundidade, o equipamento não tem potência suficiente. Seu oxigênio durará apenas duas horas mesmo com reservas. Recomendo abortar.— Professor... você pararia para respirar ao tocar os limites do mundo? — Yésheng contra-argumentou. — O período de despertar ainda não chegou, mas minhas serpentes sentem... algo lá embaixo. Algo que as assusta. Elas circulam... algo.